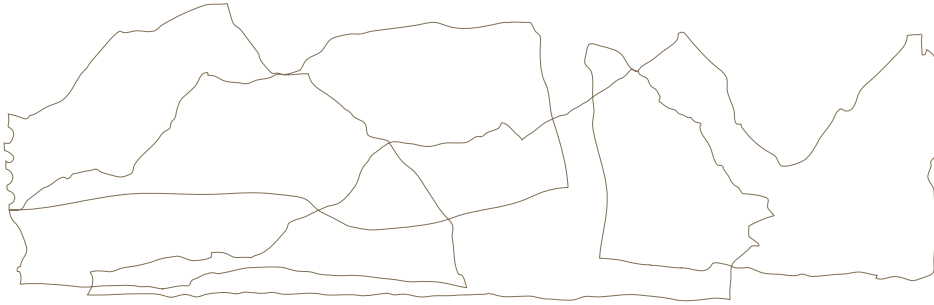


*o pó cobre tudo:  
desenhos, paisagens, ruínas*

*Bruno Cantú da Silva*



Bruno Cantú da Silva

*o pó cobre tudo:  
desenhos, paisagens, ruínas*

**Trabalho de Conclusão de Curso**

Habilitação: Desenho

Orientadora: Maria do Céu Diel de Oliveira

Escola de Belas Artes

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

2017



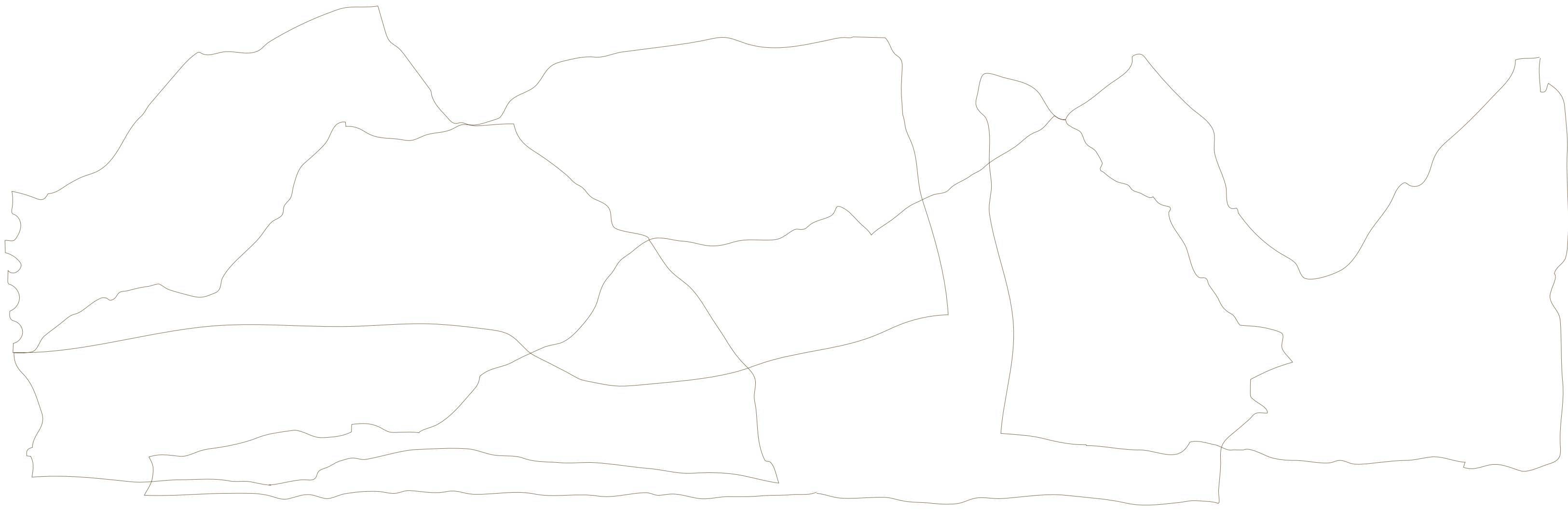
Dedico este trabalho às três Anas de minha vida, que me fizeram ser.

À socorro Isidoro, que desenhou em mim uma direção.

À Lucas Leme por me ajudar a conceber este trabalho

À Pedro Oliveira, por me permitir concluí-lo

À Nanã.



*Mas que coisa é homem, que há sob o nome: uma geografia?*

*Carlos Drummond de Andrade*

Ao longo de toda a graduação, fui por excelência um fazedor. Nunca me interessou demasiada descrição dos trabalhos, a maioria sem título, porque acredito em sua força. Que sejam eles então, a conduzir esta jornada. Vivemos uma crise de fé nas imagens, da qual me nego a participar. Escrever sobre elas é terreno pedregoso. O mínimo deslize pode lhes custar todo o mistério.

Retomo a paisagem de um ponto, onde representação icônica e mimética estão tensionadas, disputando território. Flerto com formas simbólicas de outros tempos, e as utilizo a meu favor. Hora o corpo da paisagem confere corpo, carne, existência material ao símbolo justaposto na composição, hora é este corpo símbolo o responsável por extrair da paisagem seu tônus representacional fazendo erguer um outro ambiente, onde existência simbólica e física se entrelaçam, onde participam como um, suas distintas existências. Além do caráter compositivo, há algo que pretendo retomar desse universo misto de imagens que encontro no período proto renascentista, a espiritualidade incrustada nos objetos. Não há nada que não signifique. Mas não se encontra somente em iconografia seu sentido. Me interesse pela vida dos objetos do mundo, sua inércia e repouso, sua

respiração rangente, seu tempo; onde o humano não se faz presença. A igreja fechada, o túmulo, a torre do sino, tudo aquilo que se encerra para dentro, sem abertura. Estou a procura das íntimas reuniões, onde inaudíveis no mundo das coisas se relacionam. Matéria com matéria, diálogos mudos.

Sou um coletor de imagens, e faço deste espólio minha matéria prima para criação. Perambulo por sebos e feiras, por bibliotecas, buscando sussurros visuais, as imagens falam baixo.

Colo fiapos e retalhos, de jornal, selo, papelão, tudo bem puído e maltratado, servindo de suporte a ilusões de igual puidez e maltrato. O acúmulo nos desenhos cria os planos de empilhamentos que retrato. O intemperismo que promovo, desde a edição, a escolha do que servirá de insumo, aquilo que não serviu para a traça foi adotado por mim. Já não bastassem os anos gravando de amarelo a celulose, ainda acrescento lixações impiedosas, ferimentos de pontas secas, encubro tudo para depois trazer de volta o seu fantasma. Como o mago, opero a matéria de meu mundo de achados, construo, destruo e reconstruo tudo ao bel prazer das linhas angulosas, do meticuloso raciocínio que se faz realidade, pelas mãos.

O Tarot de Marselha tem sido, a cada novo ciclo que se abre, um grande auxílio para as angustias do caminhar. Cada Arcano, em sua sucinta representação gráfica, figura um universo de significados conduzidos através da iconografia de suas lâminas; Um livro para conhecer a verdade de si, não o futuro. As fases de minha vida são intimamente ligadas a arcanos específicos, cuja leitura me permitiu sempre desbravar com maior segurança e lucidez meu mundo. Organizei os capítulos deste trabalho a partir de três arcanos maiores, escolhidos por seu entrelaçamento com minha trajetória e produção de imagens.

Temperança, Enforcado e Lua.

Temperança é a ebulição de todas as forças. As transformações de todas as ordens; não é aquele que faz, mas o feito em si. Os Enamorados se consolidam na temperança, unem seus corpos no anjo manipulador de fluidos. Leite e sangue, os líquidos primordiais se vertem na taça alquímica no fazer eterno de fluxos naturais. As realizações espontâneas, o aprendizado jovial. O frescor da viagem, das descobertas. A aventura, o rompante criativo.

Enforcado é toda a passividade. Ausência do ímpeto de reter. Ausência de vontades, desejos. Ausência. É estado de não vontade, não pertencimento, flutuação. O abandono do ego.

O homem atado por correntes assiste pacificante seu espetáculo pessoal na janela da vida. Pode fazê-lo pois cansou-se enfim de convulsões, embates e fugas. Enforcado é findar de ciclos sem um ápice. Não há queda da casa, destruição ou assolamentos. Como um céu nublado, acaba por dispersar, esvair, escorrer. Água profunda e parada, Enforcado é a regeneração a longo prazo.

Lua. Após trilhar o deserto da solidão, mar ou areia, pode-se então, finalmente adentrar o santuário das verdades ocultas. Carta de peixes, das inconstâncias, dos enganos e das verdades abissais. A lagosta de pele rosada e frágil, protegida pelos galgos de Diana, na urna uterina repousa e aprende. A face feminina de Deus, padroeira dos selvagens de espírito. Círculo branco, janela na escuridão, põe luz sobre o incompreendido, esclarece e cura.

Realizar a reinterpretação destes arcanos foi um trabalho íntimo e intenso. Pude adentrar o mundo simbólico das cartas com maior entusiasmo, compondo meu próprio universo alquímico para oferecer um novo sentido aos ícones consagrados. Optei por excluir o pronome pessoal do nome das cartas. O pronome evoca uma dimensão demasiado humana, encarnada demais. Trato os arcanos como entidades atemporais, estruturas emblemáticas de amplitude muito maior que o sim ou não humano, o bom e ruim. É esse ser história que me intriga, que diz sobre os passos de todos os homens sem se referir a nenhum.

Quem diria que eu, dez anos ou mais, não sei,  
Veria sair de mim quase sem consentimento,  
Quase num sangramento,  
rimas.

Uma forma bem estranha para acabar esta empreitada,  
mas aceitei.

Tomei do liquido, destranquei a porta.  
Não abri, também não pus placa.  
Deixei ali encostada, como quando se quer que só um,  
aquele esperado,  
saiba que o era.  
Só pra um, no silencio.  
Daquele jeito de mãe escondendo a chave no buraquinho da parede,  
que de tão intimo, é invisível.

Chegou já tirando a roupa, colocando o pé pra cima.  
Eu demorei perceber quem era, já não a via há muito.

Grave, encarava aquelas montanhas.  
Foi como se encarasse meu pai:  
alguém com quem não tive tanta intimidade  
mas por algum motivo amei.

A boca eu tinha fechada,  
Mas as janelas por onde entra a fresca, essas estavam abertas.  
Não esperava a poesia.

19	Temperança
81	Enforcado
145	Lua
176	Notas
178	Bibliografia









Apreendi a derrubar pós, verter óleos, esmiuçar a matéria do mundo, atrás de minhas imagens. Iniciado nas artes criativas, pude enfim, erguer meu próprio universo e habitá-lo. Foi nessa época que descobri como esfiapar corpos, puxar o novelo das coisas, desfiar o tricô atômico dos tijolos, dos poros, andaimes e cabelos. É claro, sempre caem alguns bichos dessas entranhas; habitantes com os quais convive todo aquele que se pretende um operador da matéria.

Se como Mago sou esse operador, a temperança é a própria substância em transformação: as compensações químicas e físicas \_ação e reação. A eterna cobra a comer-se para então nascer nutrida de suas próprias entranhas.

A Arte.

Tirei minhas cores de sumos do cerrado  
Onde o ar é um misto de fluido e sólido.  
É atrás deste véu que realizo o espaço:  
através dele surgem cabeças de bronze,  
atlas de concreto.

Nada em mim o escapa, configurando em suas nuances,  
volteios e dobras de leve tecido,  
a cidade que construo,  
a linha.  
Um pano liga dois mundos,  
a poeira do norte com esta poeira daqui.  
Mas a do norte já se fixou a meu sangue.

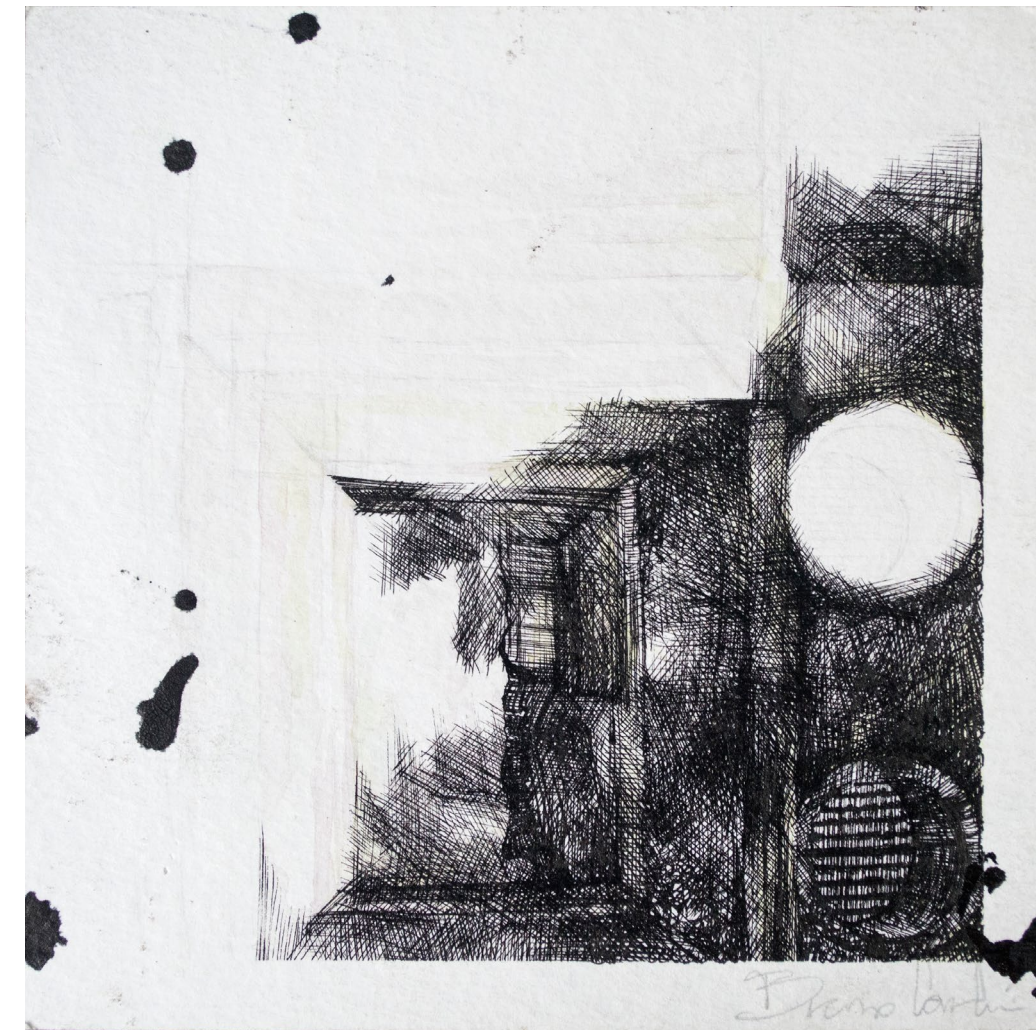


No barro.  
Mexendo marrons,  
tons sobre tons.  
O marrom, que em mim escorria,  
cobria céu,  
casa de tia,  
os tamancos abertos.  
Pés rachados,  
esmalte saindo,  
sempre mulheres,  
no marrom.

Os prédios eram atarracados,  
bem a moda do corpo massudo dos homens de barranco.  
Não coagiam como na capital,  
era uma parceria espacial,  
antes de um julgamento pálido.  
Sinto saudade de casas pequenas.



Apelidaram de Rua de baixo  
na tentativa de lhe tirar qualidades.  
Como quem morasse ali fosse de castas abaixo.  
Mal sabiam,  
naquelas terras,  
mais pra baixo é mais perto de deus.  
Era ali no baixo, que o rio vinha primeiro beijar seus preferidos,  
seus eleitos  
E isso era um poder...  
Não é de estranhar que se apresassem os ricos a criar vil propaganda,  
Pois tudo em que pobre manda  
já lhes ocorre difamar.  
Ruas da minha Januária escura,  
que uns teimam em dizer que era homem,  
Ou princesa.  
Carregue daqui sua realeza!  
E deixa minha Preta em paz.  
Rua de baixo foi sempre minha preferida,  
Casa de boi e marujos  
O quintal de minha vida  
Entre pessoas de cor.





A casa azul era baixíssima  
Umas das mais baixas da rua  
Do tamanho da necessidade e mais um pouco para as santas.  
As santas todas meninas, pareciam a cada ano mais irônicas  
a sorrir-se dos velhos.  
A elas não escapava perder um nariz, mas ainda que desfiguradas, sorriam.  
Os quadros com fotos embonecadas manualmente  
Deixavam tudo que é feição  
Na lisura do cetim mais vagabundo.  
Do tenente ao moribundo,  
todos ganhavam demão.  
A árvore genealógica desses também era de Caatinga,  
Como haveria de ser, já que árvore outra não cresce nesse chão.  
Dos galhos enodoados brotava tudo que é moreno,  
os tornozelos pequenos de bom corredor.  
Corria entre as casas com portas escancaradas  
Que para o meu tamanho de menino,  
pareciam adequadas.  
Surpreendi-me num dia de volta:  
Na velha casa azul não caibo mais.



Bicho de palha correndo atrás dos meninos da rua:  
todo mundo gritava e corria quando ele vinha.  
Tinha um medo, cor, espírito.  
Eram pessoas da esquina, da praça de traz,  
da rua do bem-bom, perto do cais.  
As pessoas de sempre eram bichos de antes  
E tudo antes de mais nada, era pó.  
Antes das cores, o marrom.  
Do meio da palha dançante vinha poeira,  
palha marrom.  
Boi dançante marrom.  
Lantejoulas brilhantes de bordados fatigados  
de serem arrastados pelos paralelepípedos  
Marrons.  
Homens-boi dançam em minha mente.













Aqui também é Brasil  
Mas é sem bananeiras  
Não tem esse verde, bandeira  
Não tem.  
A casca de tudo daqui é dura, não tem moleza,  
não pode ter.  
É pra resistir, porque olha moço, é quente.  
Mas não estou reclamando,  
sigo amando esse meu seco torrão.  
Bananeiras, arrancaram todas para exportação, os ditos modernos.  
Não me agradam cascas lisas,  
fico com as rachaduras.  
seja na pele madura,  
ou no tronco do meu jatobá.  
Ninguém escreveu que devia ser  
Não foram a Paris saber como,  
Nasceu ali, no duro, no seco, no pó.  
Peguei do morro litapiraçaba o molde pra fazer os meus,  
E só careceu um copinho d'água,  
porque argila já sou.

Partida.

O êxodo rumo a capital foi plenitude.  
Acho que não posso nomear, senão assim.  
Abandonei a velha casca de imposições sociais  
e vesti-me de mim.  
Na solidão, chorei os dias iniciais.  
Mas já parava e eu era obrigado a viver.  
Passeava pela cidade de mãos dadas com Calvino,  
que com suas cidades mostrou-me a minha.  
Entre monumentos que se faziam agigantar  
em minha plana consciência espacial de bacia sedimentar.  
O desconforto atenuiei.  
Construindo eu mesmo meus edifícios,  
ainda mais imponentes,  
ainda muito mais altos,  
cuja gravidade faz calar  
todo ser em seu território.











*N*ão foi preciso construir o Castelo de Kafka de madeira e pedra para que ele se alicerçasse firmemente no nosso universo; outros, como os palácios venezianos edificadas na água, exigiram pedreiros de carne e osso. Em ambos os casos, a existência na imaginação teve de preceder a existência no mundo. As coisas não imaginadas carecem de existência, como aqueles montículos funerários turcos visíveis mas não vistos, até Schliemann imaginar que se tratava das ruínas de Troia, ou aqueles muros degradados que só adquirem vida depois de terem sido cobertos de graffiti. A imaginação salva a realidade do reino inefável dos fantasmas.

*Dicionário de lugares imaginários – Alberto Manguel e Gianni Guadalupe*

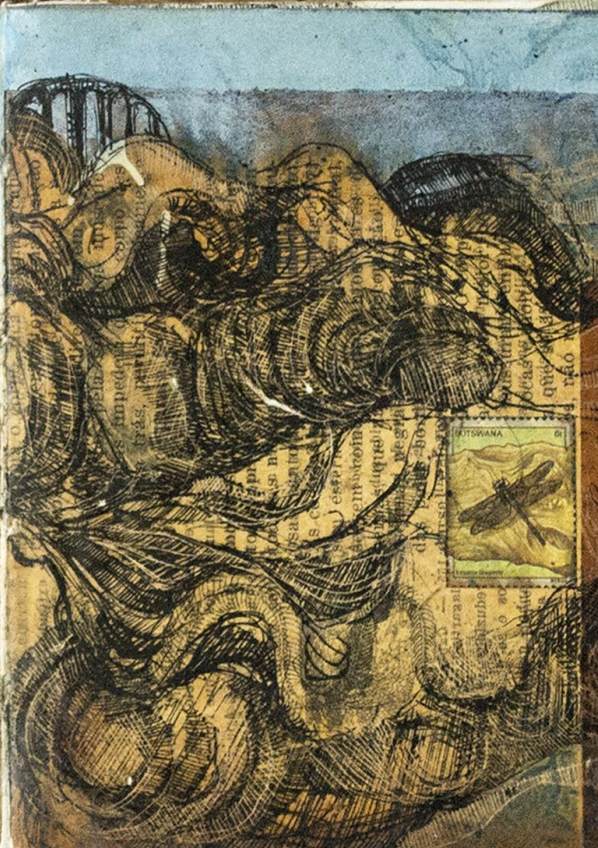
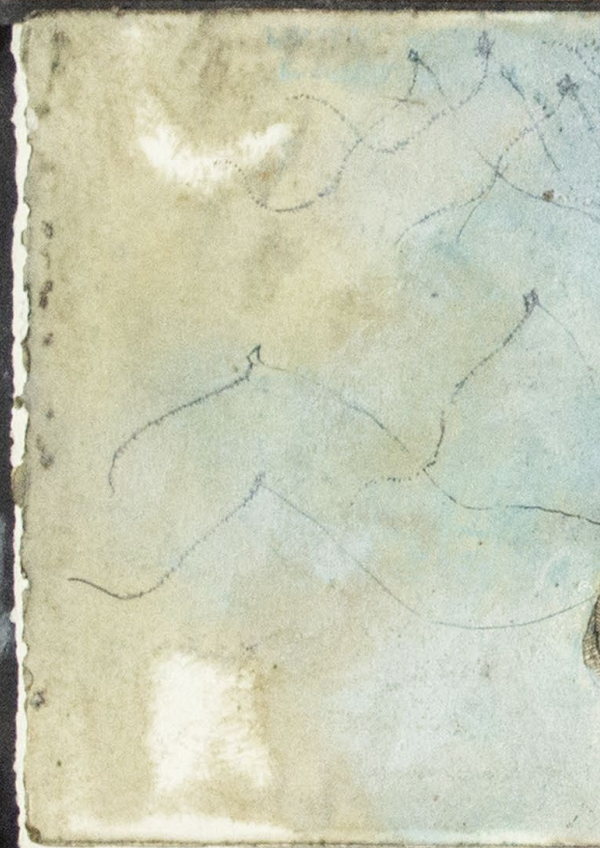
## *As Cidades e os Mortos*

*O* que distingue Argia das outras cidades é que no lugar de ar existe terra. As ruas são completamente aterradas, os quartos são cheios de argila até o teto, sobre as escadas pousam outras escadas em negativo. Sobre os telhados das casas premem camadas de terreno rochoso como céus enevoados. Não sabemos se os habitantes podem andar pela cidade alargando galerias das minhocas e as fendas em que se insinuam raízes: a umidade abate os corpos e tira toda a sua força; convêm permanecerem deitados, de tão escuro.

*De Argia, daqui de cima, não se vê nada; há quem diga: “Está lá embaixo” e é preciso acreditar; os lugares são desertos. À noite, encostando o ouvido no solo, às vezes se ouve uma porta que bate.*

*Italo Calvino, As Cidades Invisíveis*











## Ruínas

O ser humano estende sua presença em meio ao mundo dos objetos. Matéria resinificada em formatos e estruturas que completam sua vivência do espaço, como extensores desta humanidade. A morte dos objetos configura, em alguma medida, também a morte do homem, ou a morte da porção de humanidade com a qual se dotou o objeto, a arquitetura. Desde sua construção, planejamento, as escolhas tecidas em seu entorno, toda a empreitada sobre os materiais, são obra humana. É o humano que está na maçaneta em forma de leão, nos relevos florais, em cada coluna, em cada ladrilho. A existência humana se projeta no espaço, extrapolando sua passageira vida de carne, em toda forma de objeto. Mas o ser inanimado existe de uma maneira que nos é alheia. Existe, ainda que não haja a impressão de uma força motriz que lhe sobre vida. Nas palavras de Bachelard, (...) “Quando o cofre se fecha, é devolvido à comunidade dos objetos; toma seu lugar no espaço exterior.”

Há uma vida além da do homem, no “mundo dos objetos”, inacessível, particular. Compartilhamos, cada qual a seu modo, os sofreres do findar da plenitude física. A velhice é uma companheira legítima, a ambos, que embora se disfarcem com alguma juventude artificial, não podem negar os anos, ou gerações que trazem nos ossos.

A construção se assemelha à ruína bem como à infância a velhice.

Estão no foi ou no será. A expectativa lhes aflige a ambas.

Nós que somos envoltos por mantos acalentadores ao nascer e ao morrer, envolvemos também nossos prédios. Cobre-se a nova arquitetura, que se ergue, a fim de que os fazeres de sua construção, bem como seus materiais, fiquem confinados ao limite do tecido.

Envolve-se com tecidos a morta arquitetura, para que seus fragmentos decompostos não recaiam sobre os passantes de uma cidade que supera o passado de maneira veloz, no ritmo dos cliques.

Para que se possa viver o luto, é preciso sumir com os cadáveres. Proteger os corpos dos vivos que ficam dos perigos oferecidos pelo corpo do morto a sua integridade. Assim como o corpo de carne que morre, deixaram de possuir suas originais faculdades, ou utilidades, neste caso. Mas se o que ocorre com os corpos de carne se faz em ofício subterrâneo, é a céu aberto que os prédios ostentam a passagem do tempo.

O ambiente que se cria dentro desta projeção espectral, sua vias, os caminhos dos habitantes silenciosos da madeira podre, da pedra fraturada, é todo um universo fantasmático ao qual não temos acesso, que se encerra em si mesmo envolto por este véu.

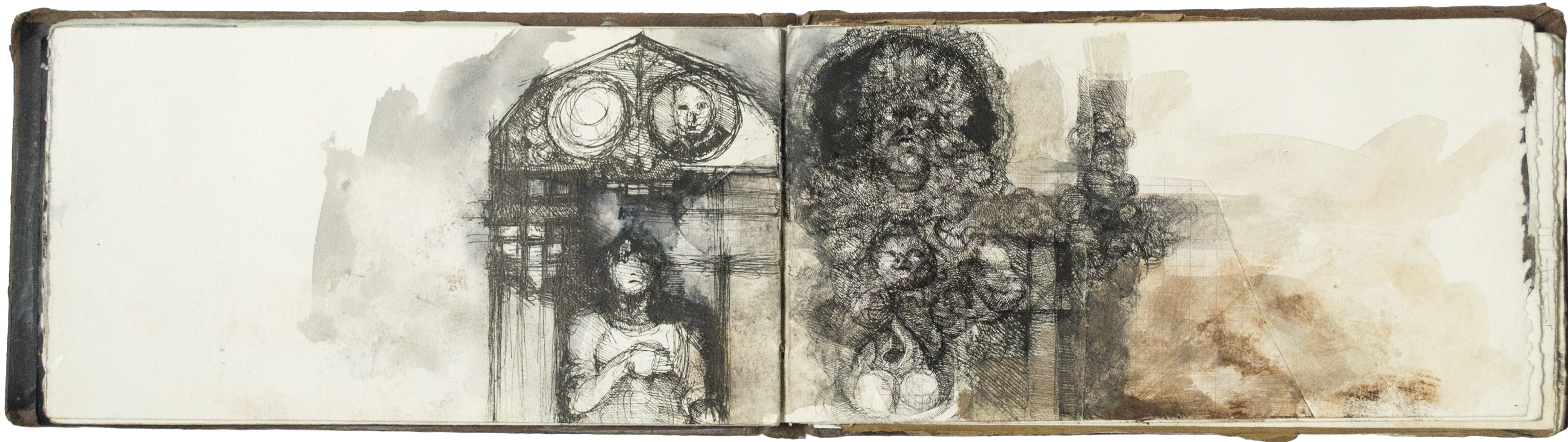
As camadas de tinta que sobrepostas modificaram a textura, e a própria identidade da casa, vem a mostra pelo desgaste. Um passado em camadas é desvelado. A musculatura arenosa ressurgiu. As janelas abertas, olhos ocos, dão a ver o interior inerte e desabitado, como um corpo embalsamado já ausente de seus recheios, que oculta na face sentimento qualquer. Apenas assiste.

O luto é coisa de vivos. Somos nós quem sentimos pela partida do prédio, pela sua transformação, que nos recusamos a experimentar. Nos enlutados pela perda da memória urbana, dos marcadores espaciais, da vida contida naquelas paredes. Sofremos porque sabemos que também os nossos corpos serão abatidos por igual força destruidora. Porque encontraremos o mesmo pó de que se fazem paredes. E nos misturamos a ele.















Cresci em meio a ruínas,  
no semiárido laranja.  
O laranja dos tijolos aparentes,  
carcaça do que nem chegou a ser.  
Meias casas, que antes de erguidas,  
são deixadas  
por falta de recursos.  
Sonhos arenosos que sofrem o intemperismo.  
Passado mal resolvido.  
Abandono.  
Vidas ásperas,  
secas lixas.  
E são limados os já mal nutridos fetos-construções.

Vagarosamente.

*A usura fez tábua rasa  
Da velha chácara triste:  
Não existe mais a casa...  
— Mas o menino ainda existe.*

*Manuel Bandeira, In Lira dos cinquent'anos, 1940*











## Maciços

**S**ubia o monte a passos velhos, com seu cansado calcanhar que jovem, o doía como se velho. O suor não era exatamente agradável, mas era companheiro bem vindo no calor do nordeste. Terá petrarca suado a contemplar a vista do monte? Terão tido os gênios menos ou mais humanidade?

Espantou a ideia como quem bate uma mosca, não era tempo para desvios, viera aqui para trabalho importante. Fitou a área entre as duas montanhas de ontem, onde ainda sobrava um espaço inquietante. Postou as mãos, projetou sua energia, e do fruto de sua concentração brotaram mais dois maciços. Não se arrependeu de erguê-los, mas pensou de pronto que fora demasiado impetuoso: fechara a corrente de ar no sopé morro, que dava no vale. Com um golpe de sua mão, em lâmina, fez cair metade do recém erguido. Aproveitou uma de suas fraturas e lhe aplicou ali, como um cirurgião, a pressão artificial. O pó cobriu tudo. Últimos raios do sol. Numa dessas ocasiões onde montanha e céu copulam, imagens densas. Decidiu que era tempo de fazer a chuva cair.

A serra d'água despençou furiosa, raios e trovões marcam o compasso do intemperismo fisioquímico em curso. Choveu até dissolver tudo. Tudo aplainado, sobrou lama primordial.

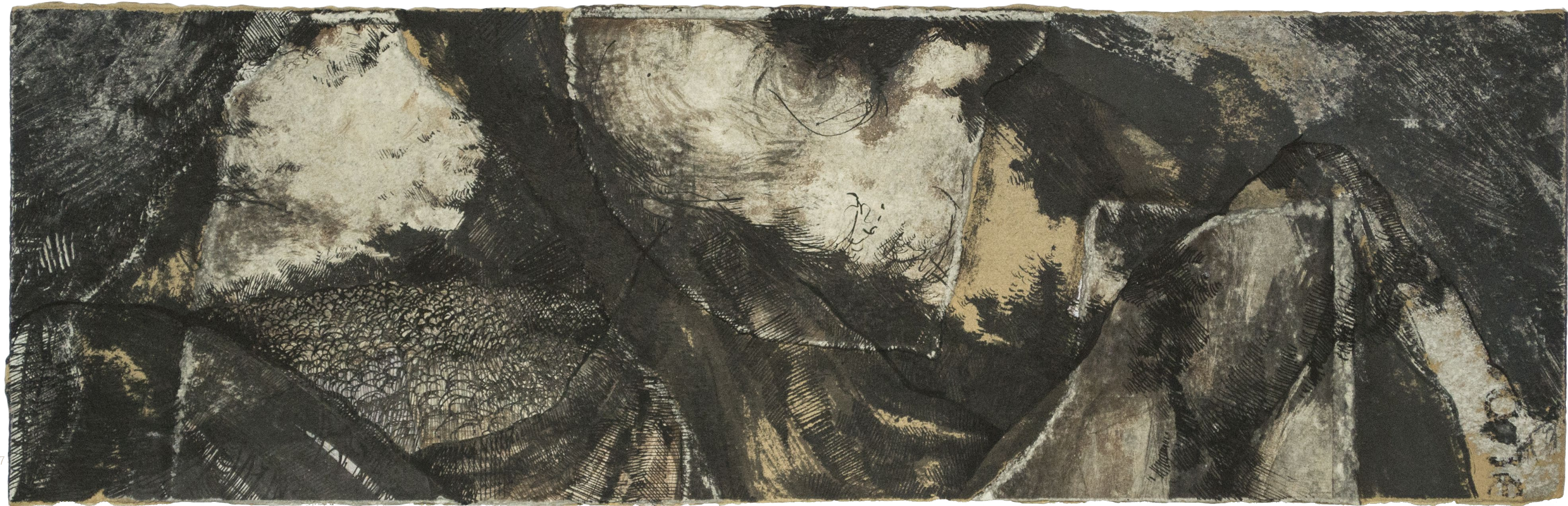
Sentiu a fome chamar, e como quem larga o brinquedo, desceu aos assovios. Subiria ainda muitas vezes esse mesmo monte, caderno velho ou novo na mão. O mesmo ambiente outro de todo dia aguardava suas transformações.

Tudo é natural.



























### *Passagem das horas*

*Não sei sentir, não sei ser humano,  
Não sei conviver de dentro da alma triste, com os homens,  
Meus irmãos na terra.  
Não sei ser útil, mesmo sentindo ser prático, cotidiano, nítido.  
Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo.  
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco, não sei qual, e eu sofri.  
Eu vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos.  
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.  
Amei e odiei como toda gente.  
Mas para toda gente isso foi normal e instintivo.  
Para mim sempre foi a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.  
Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.  
Não sei se sinto demais ou de menos.  
Seja como for a vida, de tão interessante que é a todos os momentos,  
A vida chega a doer, a enjoar, a cotar, a roçar, a ranger,  
A dar vontade de dar pulos, de ficar no chão,  
De sair para fora de todas as casas, de todas as lógicas, de todas as sacadas  
E ir ser selvagem entre árvores e esquecimentos.*

*Álvaro de Campos*

## O arco

Com o tempo foi ficando tudo hostil  
No peito o brasil,  
BH esfriou.  
Tudo grande.  
Era ligeiro.  
De uma ligeireza que esmaga rodando o calcanhar  
A mala que só tinha eu,  
dava nem pra trocar em nada  
de tão pequeno o menino.

Trouxe na mão uma Espada  
de São Jorge, que nem cortava,  
mais para brigas astrais.  
Na outra trouxe o espelho d'água  
onde poderia lembrar-me quando esquecesse o menino.

Voltando pra casa de mais um dia de hematomas.  
Pelo caminho mal conhecido.  
Tantas navalhas a cortar o papel  
e a pele.  
O frio não era só de tempo  
e ainda me assusto  
com o arco que toda gente aqui projeta nas costas  
por olhar sempre pra baixo,  
pro chão de pressa.  
Pro chão de pressa.  
Olhando pro chão de pressa me deparo com o arco em mim.

Oh, pesada capital!  
Os atlas da prefeitura anunciam o ofício do tempo na cidade.  
Aguentam cada qual sua sua vida de rocha, sem vivê-la.  
Mas seguem funcionários empelares  
Na cidade

do chão de pressa.

### *Poema dum Funcionário Cansado*

*A noite trocou-me os sonhos e as mãos  
dispersou-me os amigos  
tenho o coração confundido e a rua é estreita*

*estreita em cada passo  
as casas engolem-nos  
sumimo-nos,  
estou num quarto só num quarto só  
com os sonhos trocados  
com toda a vida às avessas a arder num quarto só*

*Sou um funcionário apagado  
um funcionário triste  
Porque não me sinto orgulhoso de ter cumprido o meu dever?  
Porque me sinto irremediavelmente perdido no meu cansaço?*

*Soletro velhas palavras generosas  
Flor rapariga amigo menino  
irmão beijo namorada  
mãe estrela música*

*São as palavras cruzadas do meu sonho  
palavras soterradas na prisão da minha vida  
isto todas as noites do mundo uma noite só comprida  
num quarto só*

*António Ramos Rosa, in ‘O Grito Claro’*

**A**s cinzas de cigarro acumulam-se na marquise, caídas de diálogos mentais. Meus marrons se fizeram cinzas nas testeiras dos edifícios. O antigo sobrado da Santos Dumont fez parte desde cedo na minha geografia pessoal no centro da cidade. Suas janelas em arco pleno, as pichações e rachaduras que cresciam tatuando sua esguia estrutura compunham cenário e marcava meu espaço.

Cedeu.

Foi vencido pelas máquinas. Detrás delas seus operadores e por por trás deles, todo o dinheiro que gira o mundo a demolir recordações.

Nunca fui muito chegado a mapas, para mensurar as distâncias preciso vivê-las. Esses meus esquemas mentais de entender cidade foram ganhando peso, se encorpando, dobravam de tamanho a cada carnaval. Os blocos se embrenham em toda sorte de vielas e passagens nem tão famosas no cotidiano urbano. Me apaixonei ainda mais pela festa da carne morando em Belo Horizonte, é uma forma intensa de experiência do espaço urbano que foge em tudo dos padrões da vida normal. Conheci as mais belas casas de que tenho notícia nas andanças

de carnaval. A maioria aos pedaços. A maioria já deve ter cedido, se desfeito em capital financeiro e glitter de algum carnaval.

Me entristeço e alegre por mesma porção e simultaneamente com a cidade. O assombro invade a alegria, a tristeza é cômica, tudo num grande engasgo como quem quer beber tudo de uma vez e faz sofrer a garganta seca, humana demais a cidade. Humana demais pra ser boa.

*Conforme envelheci e acumulei recordações, passei a sentir com maior intensidade o desaparecimento de pessoas e de referências. Para mim era especialmente inquietante a insensível remoção de edifícios. Eu sentia que, de alguma maneira, eles tinham um tipo de alma.*

*Agora sei que estas estruturas, incrustadas de riso e manchadas de lágrimas, são mais do que edificações sem vida. Não é possível que, tendo feito parte da vida, eles não absorvam de alguma forma a radiação proveniente da interação humana.*

*E imagino o que resta quando um prédio é demolido.*

*Will Eisner . O edifício.*



Dias arrastados, aulas levadas ao passo do moinho mais preguiçoso, por obrigação.  
Tudo feito era feio.  
Tudo feio aos olhos sujos por traz dos óculos arranhados.  
Embaçando a beleza que eu julgava ter conhecido do mundo.  
O amargor, a angústia, numa infinita contorção de pathos contido, à espera.  
Desesperança e desânimo.  
No lago da existência,  
ninguém mergulha por querer,  
mas por estar.

Do prazer de minha faculdade artística agora,  
Restava pouco.  
Restava tão pouco que não enxergava mais minhas linhas,  
via opiniões.  
A palmatória que nunca ensinou nada,  
teimava em deitar sobre minhas mãos suas pancadas  
Sem saber o infrutífero que era.  
Não há régua de madeira que concerte um apaixonado por imagens  
Como não fariam de mim um esticador de barbantes.  
É nas horas de fragilidade que os burocratas  
travestidos das mais variadas funções,  
Nesse caso professores,  
Farejam emoções nubladas  
Para vir se alimentar.  
Eu que não havia ainda percebido,  
Que toda essa libido  
Por rasgar almas alunas  
Era desespero.  
Porque ver desenho é um cultivo,  
Que carece de amar as coisas do mundo.  
O mundo mesmo num todo.













**D**urante o ano de 2015, participei do programa de monitoria da universidade, atuando nas disciplinas de Bidimensionalidade I e Desenho de Paisagem, ministradas pelo professor Antônio Signorini. Este foi um ano muito duro para meu processo artístico, tive longos períodos quase totalmente improdutivos, fruto de uma depressão que viria a descobrir mais adiante. O trabalho na monitoria foi uma grande luz nesse tempo, o contato próximo com o professor e sua vasta experiência sobre a vida das imagens transformou meu trabalho de maneira profunda; elevando seus elementos técnicos e conceituais para muito além do que eu dispunha até o momento. O entendimento sobre paisagem e o universo de considerações teóricas que a envolve me foram apresentados com gentileza e seriedade. Mais que isso, com amor ao desenho! Uma confiança profunda no desenho. Já havia ensinado antes, para crianças e senhoras idosas de minha cidade. O Ofício de transmitir conhecimento sobre e através das imagens já me era caro.

Durante os meses como monitor encontrei uma abertura enorme para planejar as aulas e propor atividades junto ao professor, um grande ato de generosidade que me possibilitou compreender de maneira muito mais clara e concisa a docência e toda a sua responsabilidade.

Em meio a aridez em que eu pensava me encontrar, o tempo como monitor foi oásis de incentivo e aprendizado, permitiu-me lançar para as imagens com muito mais ferocidade, com sede de alcançá-las. Recebi dali, ainda, muito incentivo para me inscrever no programa de mobilidade acadêmica. E o fiz.





**O**utra vez com uma mala pequena e grandes vontades. O desejo de me reinventar por completo talvez seja a força que me move para depois das fronteiras. Meu lugar é sempre um pouco mais pra lá, mais a frente, adiante, além.

É sina de todos aqueles de muitos portos, viver em saudade, como em uma espécie de espaço entre. Um não conforto. Raízes flutuantes.

Nunca foram bem estendidos esses que migram, talvez por sua capacidade de enxergar de fato a paisagem do mundo. Experimentá-la intimamente, corpo a corpo.

A saudade vai como uma oferenda a um Deus dos viajantes, vai de bom grado.

**N**ão há amenidades no Rio de Janeiro.

Nada é médio ou pacífico. Tudo jorra, tudo goza, espirra de todos os lados, pra todas as direções. Tudo de mais lindo e terrível que já vi encerra-se nas fronteiras do Rio de Janeiro. A riqueza e a miséria escancaram seu verdadeiro significado ali.

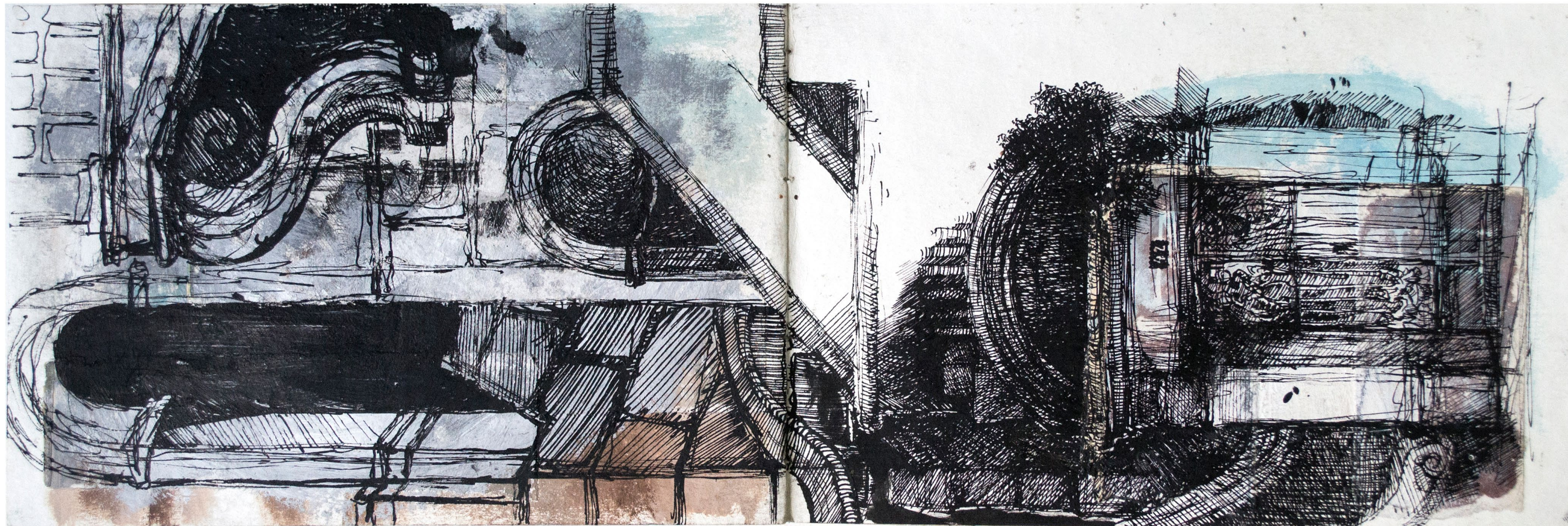
O Rio é um corpo.

Corpos em desfile. Os atlas se libertaram dos sopés de construções ilustres e desfilam pelo espaço da cidade, a exhibir sua musculatura inflada de egos, no tom cerâmica da queima diária. Tudo é demasiadamente belo, agressivo de belo. São terras agressivas, como uma arcádia edílica, que, vista ao longe tramite paz e beleza de terra dominada, mas quando de perto, vê-se com nitidez a face das feras que nunca deixaram de habitá-la.

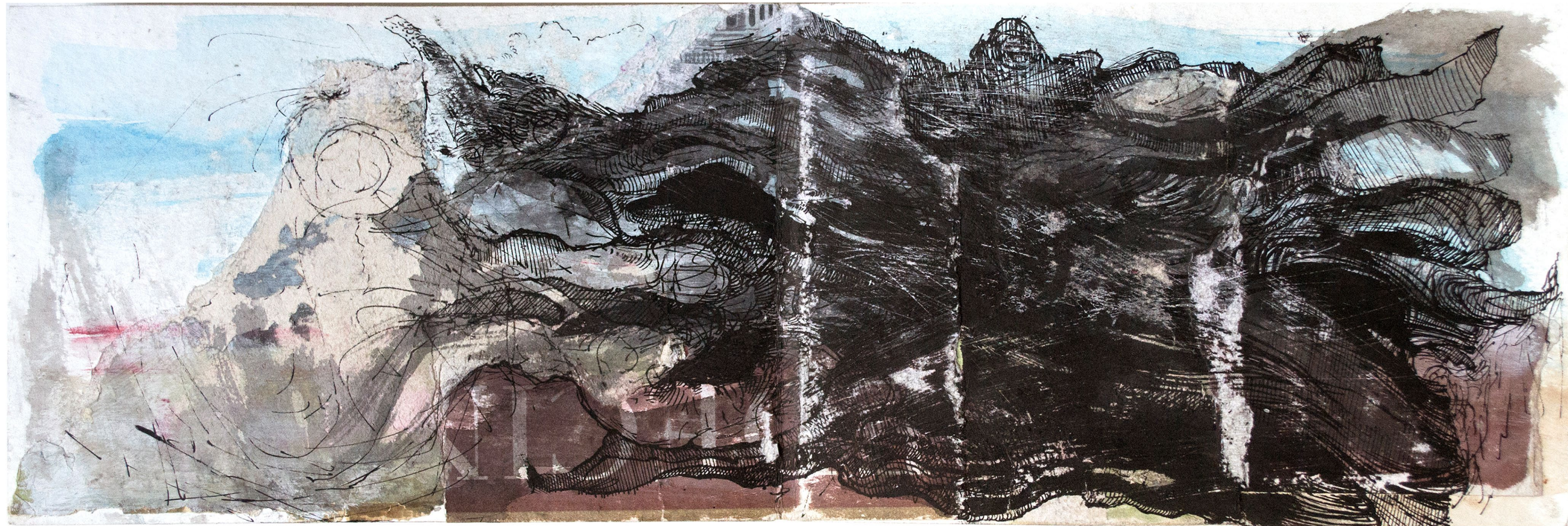
Meus olhos de mares-de-morros deitaram-se sobre o mar de água, e a síndrome de Veneza foi instantânea.

Me maravilho ainda lembrando do ar pesado, das nuvens pesadas e baixas. As escadas imensas do Cosme velho, Largo do Boticário. Fui vizinho do Largo em boa parte da estada \_o que foi um prazer e uma alegria. Aquelas casas coloniais de azulejos quebrados e plantas nascendo entre, são imagens que pendurei em minhas paredes internas para sempre olhar.

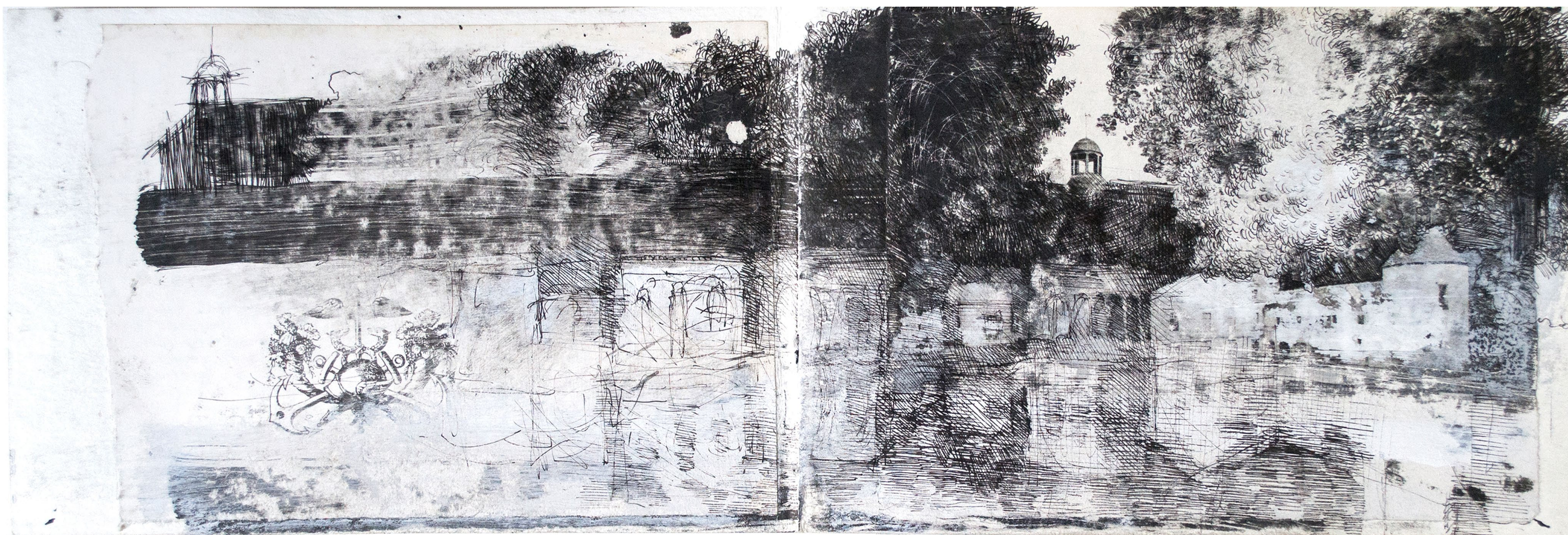














**A**ndava atônito pela calçada do Cosme Velho. Passava ônibus, casa e gente. Em ruínas. O viaduto escuro, luz tremelicante, teias enormes de aranhas. As maiores que já vi em viadutos. O clarão que invadiu meus olhos ao atravessar a ligeira caverna, mostrou-a de pronto do outro lado da rua. Virada para baixo. Soube ali parado, logo após o viaduto, qual seria minha profecia, não necessitava tocá-la, já era claro. A moda grega, relutei. Fui até o portão de casa, tentei erguer a chave, mas já era tarde demais. Atravessei a rua com o coração na mão, em chamas. Parei diante da carta e a apanhei. Enforcado.

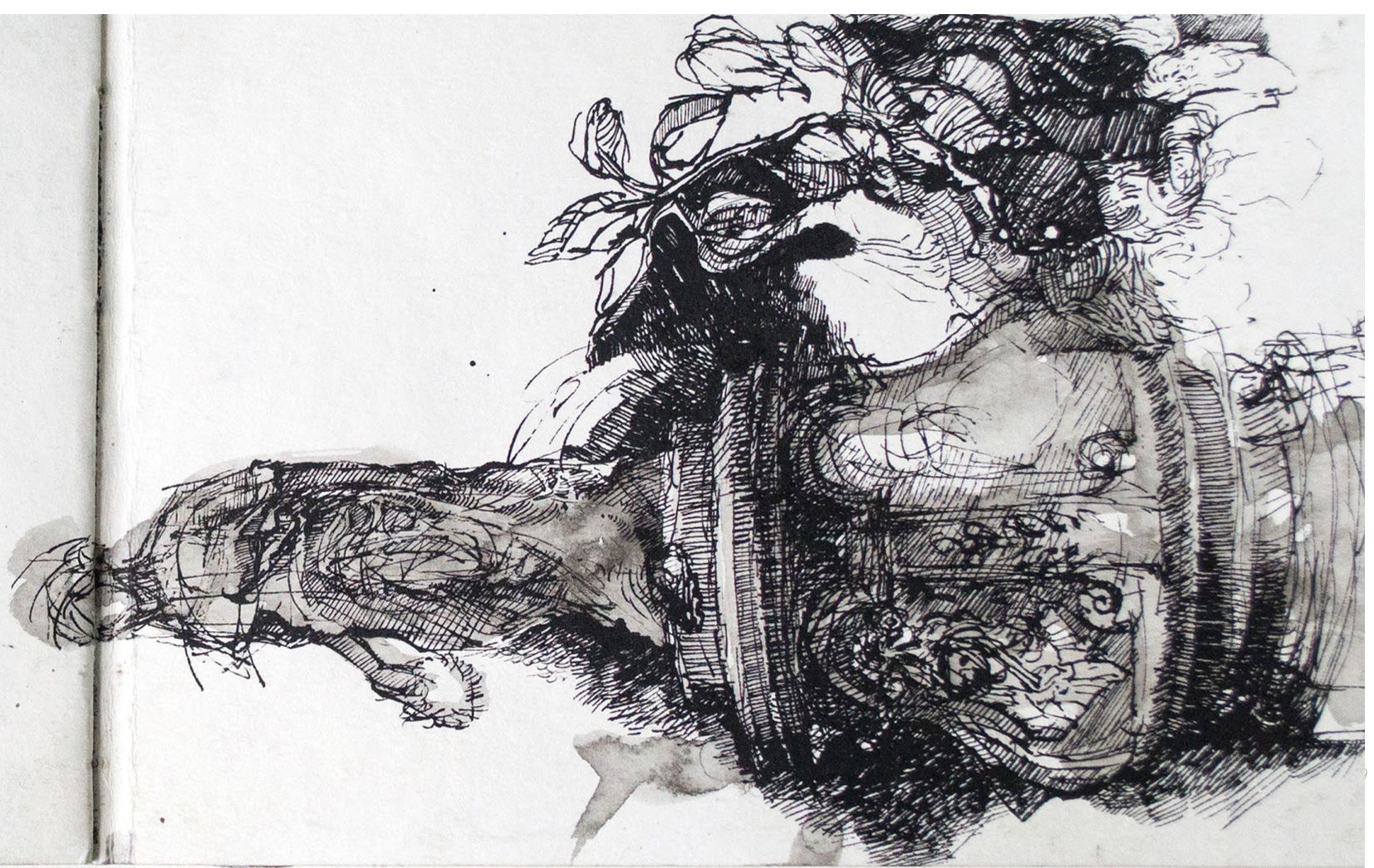














Do Cosme velho:

A mata frondosa torna tudo meio coletivo. Todas as casas que acabam na floresta tem o mesmo quintal. Transitam livremente homens e entidades ao seu bel prazer, respeitando, ambos, por algum motivo, suas convenções espaciais.

Outono.









(Phot. R. Viollet)

PAYSAGE DE CAMPAGNE

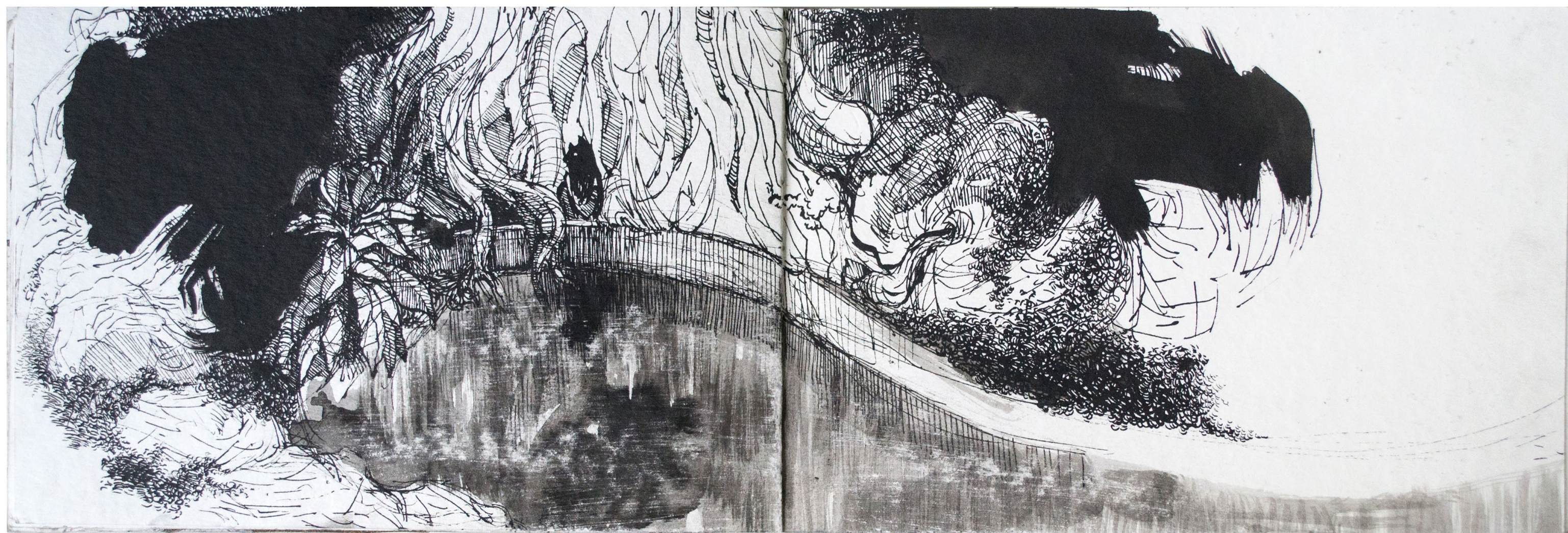
JEAN-BAPTISTE OUDRY : CHASSE DE LOUP, XVII  
TENANT LE LIMIER AU CARREFOUR DU PAYS SOULLE  
TURE AVANT TAPISSERIE, 1733 (MUSEE CAMONDOL)













O mar.  
Não devia de haver palavra,  
para tanto conter.  
não adianta dizer,  
Como não adiantou para mim desenhar.

O mar é antes uma ausência,  
O branco da página onde não se escreveu.  
Talvez ali, nesse vazio  
Haja alguma pista,  
Do fazer aquático desta força.

É toda a boca que se fechou  
O ato de contrição  
O coração inundado  
percebe que ali,  
Perante ele,  
Nada mesmo vale ser dito.

Nada.  
Mesmo com uma vida  
e uma arte para quem voltar,  
Continuava a sentir  
Que nada nem merecia existir,  
Que não fosse seu azul.

De volta a Belo Horizonte.



No olho de um furacão  
De desejos nada cristãos  
Mudei-me para cá, onde é alto.  
Sétimo andar.

Estranhei a brisa exagerada,  
As conversas pré-programadas de corredor.  
O murinho do décimo segundo  
Baixíssimo, com uma enorme panorâmica  
De onde qualquer um poderia pular,  
por querer ou não.

Não havia preocupação com isso em tempo proto moderno?  
Os edifícios de agora vem com redes e vedações  
Tentativas e precauções  
para evitar o vôo eterno.

Ícaro o maior dos hedonistas,  
Entregou-se ao prazer do voo,  
Ao mel de Apolo.  
Sabia que cairia,  
e o fez consciente.  
Cada músculo dormente  
em espasmo e prazer.

Vejo da janela batidas na praça,  
Sempre o mesmo scripit, branco sobre preto.  
Histórias mudas em minha janela.  
Inconscientes de serem assistidas  
em tão humilde palco.

Serão meu dramas participados por olhos de rapina  
mais altos ou baixos que os meus?



C huvas constantes, lugares alagados. Inundações. Terras passivas, que recebem. Seres divinos, momentos ritualísticos. A paisagem virou-se do avesso. O micro tornou-se macro à distancias absurdas, panorâmicas escancaradas.

Habitantes cuja proporção nos foge mensurar desfilam seus corpos imaginários. Movimentos astrológicos surgem na imagem. É tempo de assistir o universo, numa invocação silenciosa de forças, fluxos, repuxos torvelinhos. Portais abertos para o cosmos, onde as imagens achadas operam com ainda maior fantasmagoria. Enormes salões, estatuas gigantes, que não se sabe que medida de humanidade contém, nesse ambiente que poderia ter centímetros ou quilômetros, mas isso fica em suspenso.

O tédio também se faz chama purificadora, ao tempo maciço das coisas.















**R**elaciono O Enforcado com este momento porque foi uma oportunidade de resinificação da espera enquanto qualidade. Para aqueles que vagueiam como vida, custa muito fixar-se em uma situação cujo controle do tempo de mudança lhe falta. Mas na espera é possível que se veja a paisagem de uma outra forma, onde se apreende e esquadrinha pelo desinteresse, criando um esquema mental diferente. Todo composto é formado de miudezas e áreas de pequenos focos.

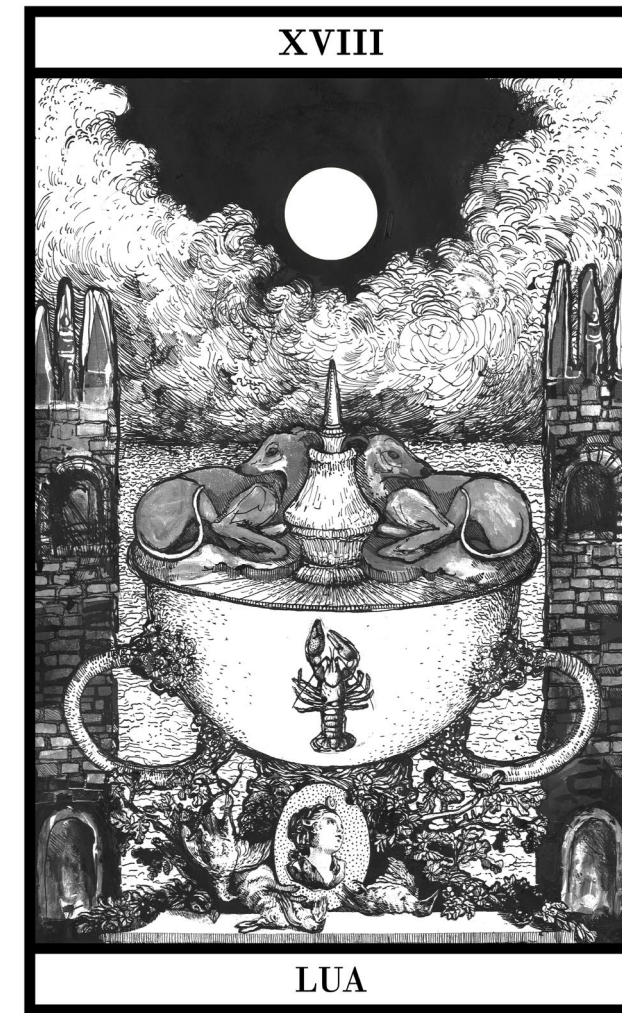
O Enforcado, na representação do Tarot de Marselha, encontra-se pendurado de cabeça para baixo, mas não se debate, apresenta expressão corporal e facial de calma e contemplação. A morte contemplativa, um estado de entrega para atingir estados elevados. Jesus, Odim, deuses pendurados, em posição passiva para então desbravarem as janelas da verdade. Pendurado sob outro ponto, a mesma vista ganha outro valor e outros significados.

Essa resinificação da espera foi como aceitar um período de gestação, em seu sofreres e angustias, algo a se cumprir em seu próprio tempo. Eu gestava a confiança. Ao fim deste ciclo, que pude perceber nitidamente quando findou, nada mais nasceu em mim do que confiança. Pude então me apaixonar por trabalhos antigos, mas que nunca havia visto, por não conseguir mesmo enxergar seu valor. Foi como aquele dia em que se troca de óculos, e se vê longe, e se percebe o quanto mal enxergava.













*Vem, Noite silenciosa e extática,  
Vem envolver na noite manto branco  
O meu coração...  
Serenamente como uma brisa na tarde leve,  
Tranquilamente com um gesto materno afagando.  
Com as estrelas luzindo nas tuas mãos  
E a lua máscara misteriosa sobre a tua face.  
Todos os sons soam de outra maneira  
Quando tu vens.  
Quando tu entras baixam todas as vozes,  
Ninguém te vê entrar.  
Ninguém sabe quando entraste,  
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,  
Que tudo perde as arestas e as cores,  
E que no alto céu ainda claramente azul  
Já crescente nítido, ou círculo branco, ou mera luz nova que vem,  
A lua começa a ser real.*

*Álvaro de Campos*



Foi tempo de rememorar as benzeduras,  
as orações de corda, de nó.  
A vela sobre a cabeça,  
Palavras declamadas em voz preta.  
O serviço das abelhas se verte em ouro curativo  
A leve arquitetura se rearranja  
Para cobrir o corpo da criatura  
Com um dourado lustro,  
o fio, de Oxum.  
O espírito vai buscar no polem a bebida  
Num trabalho laborioso de beijos.  
Enamorados realizam seu encontro  
No corpo completo de temperança,  
regente das vontades  
num eterno curar de si.  
encontro íntimo  
nos favos de mel.

### XXX

*Se quiserem que Eu tenha um misticismo  
Se quiserem que Eu tenha um misticismo,  
está bem, tenho-o. Sou místico, mas só com o corpo.  
A minha alma é simples e não pensa.  
O meu misticismo é não querer saber.  
É viver e não pensar nisso.  
Não sei o que é a Natureza: canto-a.  
Vivo no cimo dum outeiro  
Numa casa caiada e sozinha,  
E essa é a minha definição.*

*Alberto Caeiro*



Comecei a querer empilhar maiores e mais massudas do que antes. Até tentei com madeira, tecidos, mas meu amor incondicional ao papel me impede de, antes de exaurir suas possibilidades,(coisa pouco alcançável) ir ter com outros materiais. Comecei aí uma pesquisa acerca de toda sorte de texturas e densidades, buscando compor um novo universo poético, dessa vez, de papel não impresso.

Esta Série surgiu durante uma estada no interior, onde pude refazer elos estéticos e espirituais que me permitiram alcançar um outro estado poético. O meu comportamento para compor essas imagens mudou drasticamente. Foi uma espécie regresso à caverna, ao lago curativo em repouso, onde pude participar da vida material evitando antecipá-la pelo pensamento. Estava cansado da minha mente projetada, do arranjo impiedoso das linhas, feito a ferro no papel.

A prática de trabalho baseava-se na indução ao desgaste químico pelo fogo, que se fez por meio de um maçarico. Considero essa informação de importância, para salientar que ainda neste momento de abertura para o acaso, foi sempre um acaso calculado, pautado em observações atentas para o tempo de queima e seus resultados.

A convivência que tive com a cozinha da gravura foi crucial para meu entendimento a respeito do tempo, e do efeito inesperado. Criar um ambiente hermético para que ali dentro, encerrado em barreiras organizadas, se faça o seu caos, a sua violência, a batalha surda da corrosão.



Vejo esta série como matizes gravadas para não serem impressas. Matrizes autônomas, sem finalidade geradora. Mas são protagonistas o sulco e o grão, e o labor químico que se opera.

Ainda no formidável laboratório de gravar, tive um contato íntimo e intenso com a cera de abelha. Gosto de cobrir minhas águas fortes apenas com cera, faz com que o ácido opere mais rudemente abrindo as linhas e engrossando-as a seu próprio modo. Mas o meu preferido em fazer assim é ver a cor que resulta da placa de cobre banhada com cera. Um trabalho alquímico do mais alto nível, para trazer a tona imagens corroídas.

Perder o controle é tarefa tão árdua quanto conquistá-lo. Foram uma série de experimentos, tentativas por vezes completamente consumidas. O fogo opera resultando em diversos efeitos sobre a tinta guache, a tinta a óleo, nanquim, resina e cera.

Decidi excluir imagens achadas como base. Esse era um caminho demasiado pessoal para ter companhias visuais, começava sempre pelo papel em branco. Gostava de assistir as ligeiras paisagens a guache que realizava antes da primeira interferência com fogo, a camada superior de tinta se transformando e assumindo novas texturas, o papel espedaçando-se como camadas da pele, revelando sua fragilidade.

Abri chagas de fogo, para que se desdobrassem em relevo mineiro, religioso, que chora e se derrama, como fossem fluidos esses mares de morros. Voltei-me para a vida interiorana e sua pacatez. Não é menos mórbida ou soturna a vida nesses lugares, nem

menor o assombro da existência.

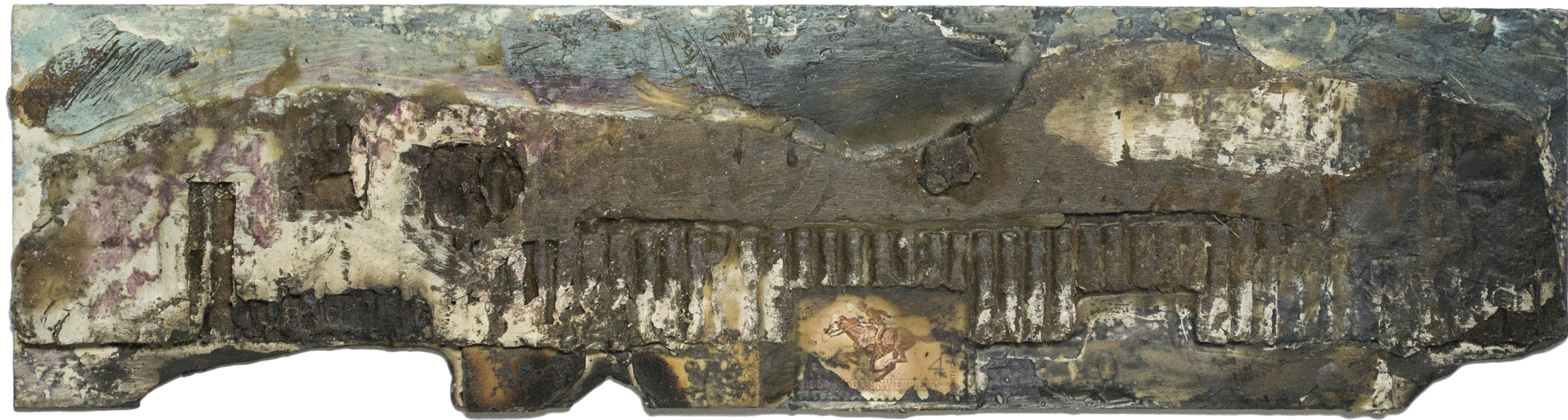
Decidi por utilizar materiais que por si já possuem propriedades curativas: resina de jatobá e a cera de abelha. Essa resina é expelida espontaneamente pela árvore e muito utilizada para tratamento de vias respiratórias. Foi o incenso de minha infância.

Uma terapia ígnea, assistir o cristal de resina queimar sua chama continua, enchendo o ambiente de fumaça negra e perfumada. Acendi essa resina dourada sobre a papel, e foi-se escorrendo e procurando ela mesma criar relevo e se fixar. Sua natureza de lava, faz brotar florescências minerais nas montanhas.

Observar o cristal dourado se liquefazer sempre teve um misterioso magnetismo, como um ritual de adivinhação, gatilho para jornadas mentais.

Na lua encontrei minha cura. A cura do fogo. Da cera. Da resina. Cada qual dourado a seu modo, fazendo luzir novas percepções, outros rumos.

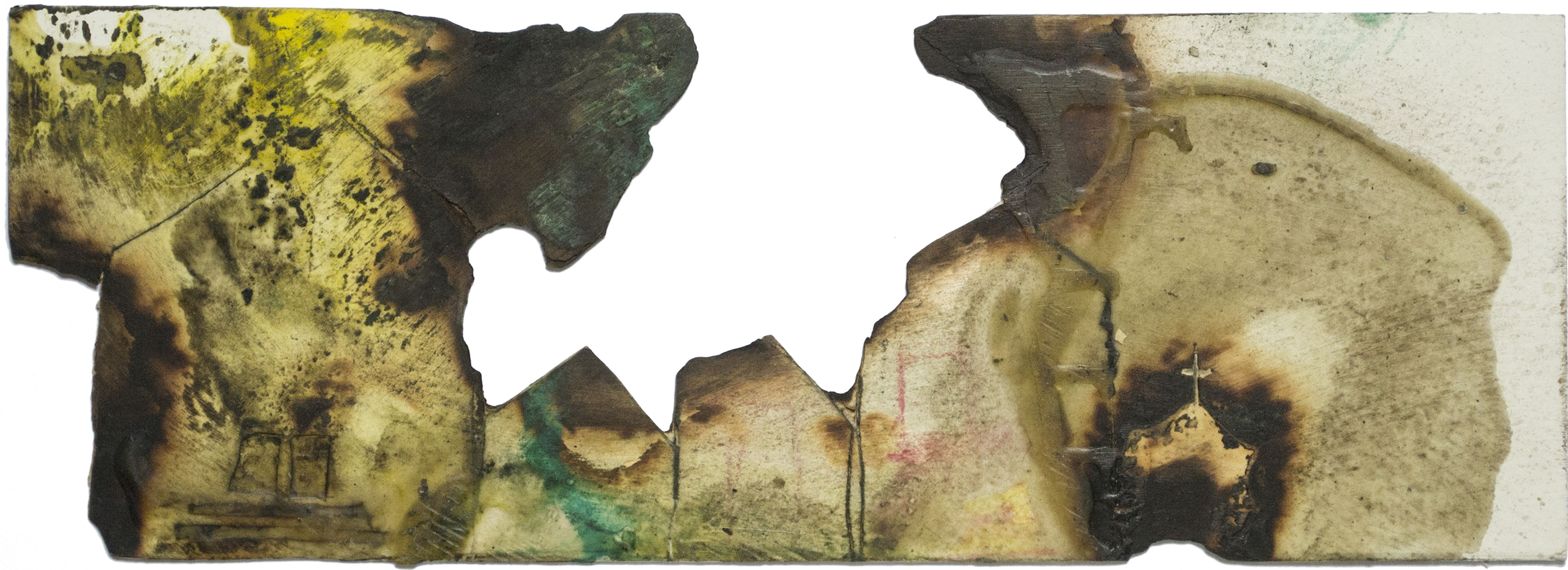


























*O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.*

*Italo Calvino, Cidades Invisíveis.*



## O único meu que possuo

O que desenho não é pra vender.

O que desenho é pra comer  
e dormir.

Não faço pra alimentar as carnes,  
não é pra nenhuma necessidade do mundo.

Não sei se me importo com o mundo, ou se apenas assisto.

Insisto nisso porque se quiser coisa prática  
não encherá as mãos por aqui.

O meu desenho está para o Bartolomeu no teto da Sistina,  
a pele martírio que veste a prisão da vida.

Os corpos inchados de Michelangelo,  
Não podendo ele mesmo explodir,  
fazia inchar os músculos de suas figuras  
masculinas ou femininas  
em hipertrofia angustiada



por não poder mais segurar a alma em furacão.

Do belo e do feio me utilizo  
porque ao final os guardo no mesmo pote.  
A pedra e o que dorme sob a pedra,  
acaricio ambos com mesma mão paternal.

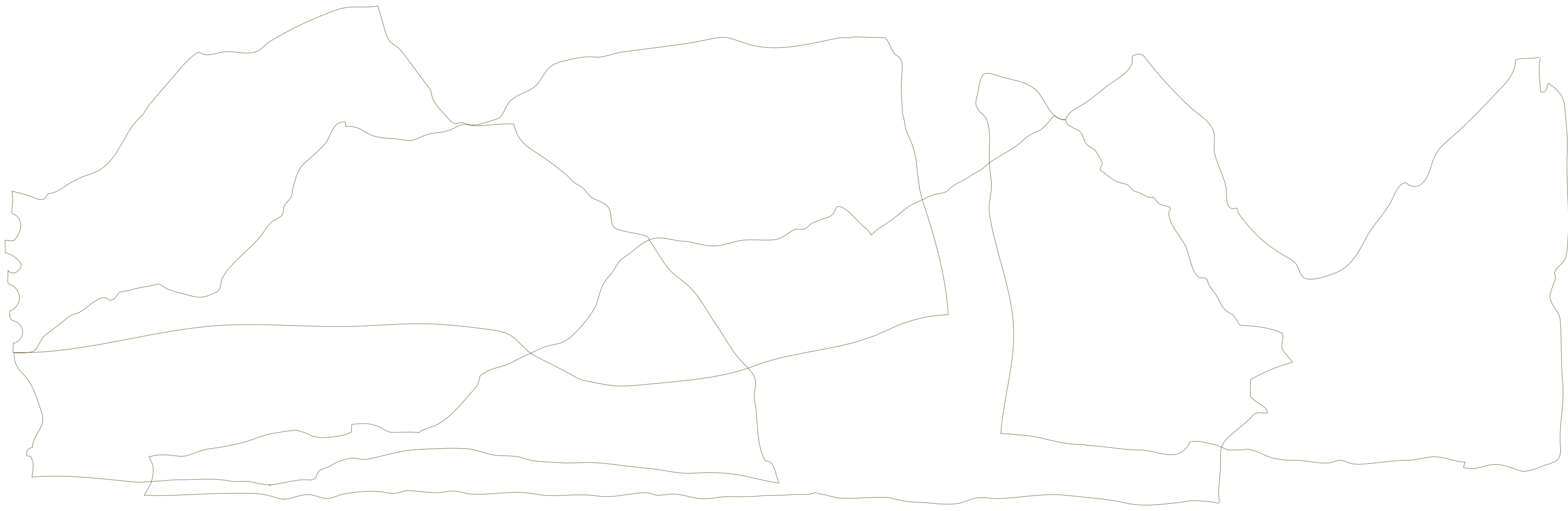
Bebi mais imagens do que cervejas,  
Mastiguei o quanto pude  
Quase num transtorno alimentar de comer meu mundo,  
De engoli-lo,  
De trazer pra fora e pra dentro,  
De rasgá-lo em mil  
E amá-lo aos pedaços.

A poeira debaixo dos pés é tesouro,  
Espólio valioso meus chinelos carcomidos.  
Meus passos começam a manifestar seu traçado no rosto

que não aparenta o cansaço dos pés.  
Mas não me entrego  
Não vacilo  
não deixo perder.

Esse gosto pelo mundo talvez seja o único meu que possuo.  
É disso que vivo,  
O que enche minha boca antes do ar ou alimento,  
O sabor de todas as horas,  
em que coloco a pena sobre o papel  
E o ponto kandinskiano,  
faz-se gênese da realidade.







**Notas:**

As imagens das páginas 33 a 37 e 91 a 97 são fragmentos retirados dos seguintes desenhos, em ordem de aparição.





## ***Bibliografia:***

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Belo Horizonte: Martins Fontes, 2000

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CLARK, Kenneth. *Paisagem na Arte*. 1 ed.- Lisboa. Editora Ulisseia

ISNER, Will. *Nova York, a Vida na Grande Cidade*. São Paulo: companhia das Letras, 2009

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. 2 ed. Harper Collins BR, 2008.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética de Fernando Pessoa: volume1/2*. 1 ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MARQUES, Carlos Vaz, GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de Lugares imaginários*. 1 ed. Lisboa: Tinta da China, 2013.

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem: Poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 20

STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São paulo: Difel, Difusão Editorial, 2013.

## ***Filmografia:***

*Abril Despedaçado*. Autor: Ismail Cadare. Direção: Walter Salles. 2002

*O Céu de Suely*. Autora: Simone Lima. Direção: Karim Aïnouz. 2006

*O Vento Lá Fora*. Autoras: Cleonice Bernardelli e Maria Bethânia. Direção: Márcio Debellian. 2014

*Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual*. Direção: Gustavo Taretto. 2011



